



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Dinâmicas Populacionais, Gerações e Envelhecimento [AT]

ENVELHECIMENTO EM VIANA DO CASTELO: ESTUDO DE SENIORES COM PASSADO MIGRATÓRIO

CACHADINHA, Manuela; Doutora em Educação; Instituto Politécnico de Viana do Castelo;
mcachadinha@ese.ipvvc.pt

Resumo

As sociedades atuais caracterizam-se por fenómenos fundamentais como o envelhecimento demográfico e a migração de um número crescente de pessoas de e para diferentes espaços. Estes dois fenómenos conjugados apresentam implicações múltiplas na vida coletiva dos territórios, das gerações e das pessoas que aí residem por diversas ordens de razões. Esta comunicação tem como objetivo essencial apresentar alguns dos resultados de uma investigação por nós efetuada sobre as relações entre a vivência das situações durante o processo de envelhecimento e o passado migratório dos inquiridos, na área geográfica da cidade de Viana do Castelo. Procuramos perceber em que medida as diferentes experiências socioculturais e as características educativas, advindas da migração durante a vida, se relacionam com a vida quotidiana de um grupo de seniores selecionados. A investigação efetuada baseou-se em metodologias predominantemente qualitativas e utilizou-se a entrevista como principal técnica de recolha de informação. Após a análise das respostas produzidas e dos respetivos discursos, concluímos que as aprendizagens efetuadas pelos nossos entrevistados durante os períodos de migração tiveram consequências fundamentais nas suas situações sociais, nas suas expectativas de vida e na forma de viver e encarar o envelhecimento.

Abstract

Today's societies are characterized by fundamental phenomena such as aging and migration of a growing number of people to and from different areas. These two combined phenomena have multiple implications in the collective life of the territories, generations and people living there for several reasons. This communication is essential objective to present some of the results of an investigation conducted by us on the relationship between the experience of situations during the process of aging and the migratory past of respondents in the geographical area of the city of Viana do Castelo. We seek to understand to what extent the different socio-cultural experiences and educational characteristics, arising from migration during life, relate to the everyday life of a group of selected senior. The research made based on mostly qualitative methods and used the interview as main technique for collecting information. After analyzing the responses generated and the respective speeches, we conclude that the learning made by our interviewees during the migration periods have fundamental consequences in their social situations in their expectations of life and way of living and face aging.

Palavras-chave: Envelhecimento; migração; educação; interculturalidade.

Keywords: Aging; migration; education; interculturalism.

COM0143

1. Introdução

Nas sociedades do presente, os fenómenos do envelhecimento demográfico e da migração assumem visibilidade e complexidade crescentes. Quer nas áreas geográficas socioeconomicamente mais desenvolvidas quer nas menos desenvolvidas, o crescimento da proporção dos indivíduos que têm 65 e mais anos e o aumento da longevidade são acontecimentos que os governos e as políticas já não podem ignorar. Também a crescente mobilidade das pessoas em termos espaciais e laborais acontece e tem consequências múltiplas quer em termos socioculturais quer em termos económicos.

Sabemos que o envelhecimento demográfico tem um enorme impacto na sociedade e a sociedade tem um profundo impacto no envelhecimento demográfico e individual. Temos hoje uma diversificação crescente do que é ser sénior tal como a própria sociedade é mais complexa e heterogénea na sua composição.

Atendendo às características da sociedade atual, onde verificamos uma crescente complexidade e interculturalidade e um crescente envelhecimento com características sociológicas diversificadas, importa-nos conhecer a relação entre os dois fenómenos. Face à complexidade social atual, é fundamental que se considere o sujeito que envelhece em relação com o seu contexto (ONU, 2003; WHO, 2005; Osório, 2007) e com os contextos vivenciados na sua trajetória para a senioridade.

A área geográfica do distrito de Viana do Castelo foi, tradicionalmente, um local emissor de fluxos migratórios ao longo dos últimos séculos. Muitos dos ex-emigrantes estão agora de regresso para aí viverem os seus anos de aposentação. Os ex-emigrantes são portadores de longos anos de experiência multicultural e intercultural. O regresso dos migrantes, após anos de atividade laboral no exterior, também contribui para que o fenómeno do envelhecimento e da interculturalidade se faça mais notório ao nível local e regional. O local onde decorreu a nossa investigação empírica foi a zona urbana de Viana do Castelo.

Com a investigação efetuada na área urbana de Viana do Castelo procuramos perceber em que medida as diferentes experiências socioculturais advindas da migração durante a vida, se relacionam com a vida quotidiana de um grupo de seniores por nós estudado.

2. O envelhecimento demográfico na área geográfica de Viana do Castelo

Analisando agora a evolução dos índices de envelhecimento no distrito de Viana do Castelo, podemos dizer que este distrito, tal como todo o país, tem vindo a envelhecer progressivamente nas últimas décadas, notando-se que alguns dos seus concelhos apresentam índices de envelhecimento muito superiores à média nacional e também da Região Norte.

Relembramos que o **índice de envelhecimento** é a relação existente entre o número de idosos e a população jovem. É habitualmente expresso em número de residentes com 65 ou mais anos por 100 residentes com menos de 15 anos.

	1960	1981	2001	2011
Portugal	27.3	44.9	102.2	127.8
Continente	28.0	45.4	104.5	130.6
Região Norte	20.2	33.9	79.8	113.3
Sub-região Minho-Lima	29.8	51.7	132.4	174.2

	1960	1981	2001	2011
Arcos de Valdevez	29.1	58.5	208.2	273.6
Caminha	40.1	66.3	140.6	194.0
Melgaço	31.7	68.5	295.4	411.2
Monção	34.2	63.3	210.8	260.4
Paredes de Coura	29.7	66.1	202.9	219.3
Ponte da Barca	26.3	48.2	127.3	196.9
Ponte de Lima	27.0	39.4	93.6	128.0
Valença	38.8	77.9	146.5	170.9
Viana do Castelo	26.2	42.2	101.7	138.7
Vila Nova de Cerveira	36.0	69.0	152.1	177.0

Tabela 1 - Evolução do Índice de Envelhecimento em Portugal, no Continente, no distrito de Viana do Castelo e seus concelhos. Rácio%. Fonte: INE - X a XV Recenseamentos Gerais de População. PORDATA

Observando os índices de envelhecimento no distrito e nos seus concelhos em 1960, verificamos que naquela data o distrito apresentava já índices de envelhecimento superiores aos de Portugal, aos do Continente e também muito superiores aos da média da Região Norte. Em 1960, Caminha e Valença eram os concelhos do distrito que apresentavam os maiores índices de envelhecimento, como podemos verificar na Tabela anterior.

Quando passamos à análise da evolução demográfica verificada entre 1960 e 1981, verificamos que os índices de envelhecimento aumentam em Portugal, no Continente, na Região Norte e na sub-região Minho-Lima. No entanto, verificamos também que esta sub-região apresenta um índice de envelhecimento mais acentuado do que o de Portugal.

Comparando ainda o que acontece dentro do distrito de Viana do Castelo entre 1960 e 1981, em termos demográficos, constatamos que há concelhos onde se verifica um mais acentuado crescimento no índice de envelhecimento como é o caso de Melgaço, de Monção, de Valença, de Paredes de Coura. No entanto, em 1981, o concelho de Valença continua a ser o que apresenta um índice de envelhecimento mais elevado, logo seguido do concelho de Vila Nova de Cerveira.

Passando à análise do que se passa com o índice de envelhecimento nos concelhos do distrito de Viana do Castelo entre 1981 e 2001, verifica-se que este indicador continua a aumentar em todos os concelhos. Contudo, nos concelhos de Melgaço, Monção, Paredes de Coura e Arcos de Valdevez, o índice de envelhecimento cresce notavelmente, ultrapassando 200%, quando a média do distrito se situa em 132.4% e a média da Região Norte se situa em 79.8%. Estes números revelam a tendência que se consolida, nos concelhos mais interiores, para um maior envelhecimento.

Comparando agora o que acontece entre 2001 e 2011, em termos de índice de envelhecimento, podemos dizer que a tendência para o envelhecimento dos concelhos do interior do distrito se mantém e acentua. Neste contexto cabe referir que o Conselho de Melgaço se destaca largamente em termos de índice de envelhecimento e, em 2011, ultrapassa mesmo os 400%, quando a média do distrito se situa em 174.2% e a média de Portugal apresenta um valor de 127.8%.

Podemos dizer que a evolução demográfica assinalada começou a esboçar-se há algumas décadas e não se tem verificado uma política social que incentive o incremento da natalidade de forma a contrabalançar o aumento da longevidade das populações. Assim, as pirâmides etárias dos concelhos do distrito continuarão a ter uma tendência para o estreitamento das suas bases.

A evolução retratada leva-nos a concluir também que, não existindo alterações demográficas significativas em termos de entrada de imigrantes jovens no distrito de Viana do Castelo, a continuação do fenómeno do envelhecimento demográfico será uma realidade que se acentuará nas próximas décadas.

3. Caraterização sociodemográfica global do grupo de seniores estudado

O nosso grupo de informantes engloba 25 indivíduos dos quais, 13 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Neste grupo, a repartição por idades apresenta-se da seguinte forma: as idades variam entre os 60 e os 91 anos, sendo que 11 têm entre 60 e 69, outros 11 têm entre os 70 e os 79 e 3 têm 80 ou mais anos, tal como se pode verificar através da leitura do quadro seguinte (Tabela 2).

Grupos de Idade	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Totais
60-69	5	6	11
70-79	6	5	11
80 e +	1	2	3
Totais	12	13	25

Tabela 2 - Distribuição dos entrevistados por grupos de idades e por sexos. Fonte: Inquérito por entrevista

No que se refere ao estado civil, verifica-se que, no nosso grupo de 25 sujeitos, 21 são casados, 3 são viúvos e 1 é divorciado. Quanto ao número de filhos, a situação dos nossos entrevistados varia entre um mínimo de 1 filho e um máximo de 5. O número de netos varia entre 0 e 11.

Relativamente às habilitações escolares (Tabela 3) podemos dizer que elas variam entre um mínimo de "sem escolarização" (1 indivíduo) e um máximo de "mestrado" (1 indivíduo). Neste indicador, agrupando os indivíduos em níveis de escolaridade, verificamos que temos no nosso grupo de informantes 4 pessoas detentoras de cursos do ensino superior, 8 pessoas com escolaridade entre o 9º e o 12º anos, 12 pessoas com uma escolaridade de 3ª e 4ª classe (atualmente, 3º e 4º ano do ensino básico) e 1 pessoa sem escolarização.

Níveis de Escolaridade	Totais
Ensino superior	4
9º ano - 12º ano	8
3ª e 4ª classe	12
Sem escolaridade	1

Tabela 3 - Distribuição dos entrevistados por níveis de escolaridade. Fonte: Inquérito por entrevista

As habilitações profissionais dos nossos entrevistados também variam desde o sem habilitação (11 entrevistados) até habilitações profissionais mais elevadas/de maior qualificação (curso de medicina, curso do magistério, de contabilidade, etc.). Neste ponto, devemos relembrar que se trata de gerações que cresceram numa época em que a oferta de formação profissional era bastante mais reduzida do que nos dias de hoje.

No quadro seguinte (Tabela 4) apresentamos uma síntese de diferentes características sociodemográficas dos nossos entrevistados.

Nas características sociodemográficas dos nossos informantes devemos destacar, para além dos aspetos relativos à escolarização, o facto de a maior parte dos sujeitos estar casada. No nosso grupo apenas temos três pessoas viúvas e uma pessoa divorciada.

Relativamente ao número de filhos dos nossos informantes, salienta-se que todos eles têm pelo menos um filho. A maior parte dos nossos indivíduos declarou ter dois filhos. Apenas dois deles declararam ter quatro filhos, uma pessoa declarou ter três filhos e uma outra pessoa disse ter cinco filhos.

Quanto ao número de netos dos nossos entrevistados, sete dos sujeitos declararam não ter netos e os outros dezoito têm um número que varia entre um neto e onze netos.

Nº Entrevistado	Idade	Sexo	Estado Civil	Nº Filhos	Nº Netos	Habilitações Escolares	Habilitações Profissionais
1	60	Fem.	casada	2	0	12º ano	contabilidade
2	75	Mas.	casado	2	4	9º ano	comercial
3	75	Mas.	casado	2	3	12º ano	comercial
4	64	Mas.	casado	2	0	12º ano	topografia
5	60	Mas.	casado	2	0	12º ano	várias
6	60	Fem.	casada	2	2	Licenciatura	várias
7	70	Fem.	casada	3	4	Licenciatura	medicina
8	76	Fem.	divorciada	1	0	Bacharelato	várias
9	60	Fem.	casada	2	0	Mestrado	magistério
10	70	Mas.	casado	2	0	9º ano	várias
11	67	Mas	casado	1	0	11º ano	nenhuma
12	71	Mas.	casado	2	4	9º ano	nenhuma
13	67	Fem.	casada	2	4	4ª classe	nenhuma
14	81	Fem.	viúva	4	6	3ª classe	nenhuma
15	91	Mas.	viúvo	2	2	4ª classe	nenhuma
16	78	Mas.	casado	4	7	4ª classe	nenhuma
17	65	Fem.	casada	2	1	4ª classe	nenhuma

Nº Entrevistado	Idade	Sexo	Estado Civil	Nº Filhos	Nº Netos	Habilitações Escolares	Habilitações Profissionais
18	77	Mas.	casado	2	3	4ª classe	polícia
19	73	Fem.	viúva	5	11	3ª classe	nenhuma
20	69	Mas.	casado	2	1	4ª classe	comercial
21	61	Fem.	casada	2	1	4ª classe	aux.ação médica
22	63	Mas.	casado	2	1	4ª classe	nenhuma
23	81	Fem.	casada	2	3	4ª classe	várias
24	73	Fem.	casada	2	3	4ª classe	nenhuma
25	70	Fem.	casada	2	5	nenhuma	nenhuma

Tabela 4 - Síntese da caracterização sociodemográfica do grupo de entrevistados. Fonte: Inquérito por entrevista

Atendendo à repartição dos entrevistados por área geográfica de residência, verificamos que todos os indivíduos residem dentro da área urbana da Viana do Castelo.

Quanto à situação de residência verificamos também que 20 dos nossos entrevistados residem com familiares e apenas 5 residem sós. No nosso grupo, os que declaram residir sós são 3 viúvos, uma divorciada, e um casado. Estes indivíduos que residem sós têm todos mais de 73 anos.

Importa referir que ao longo do processo de envelhecimento, o curso de vida das pessoas conhece mudanças profundas. Na generalidade das situações, passa-se de uma vida familiar para uma vida a dois e, depois da viuvez/divórcio ou separação, a uma vida a sós - uma tendência que tem vindo a acentuar-se nas últimas gerações (Aboim, 2003). A observação do nosso grupo de revela que a maior parte das pessoas reside com familiares, sobretudo com um cônjuge. As pessoas que vivem atualmente sozinhas viveram em família durante uma parte do seu curso de vida, com extensões variadas.

Tal como refere Cabral *et al.* (2013), na senioridade o facto de viver só é frequentemente associado à solidão e isolamento. A ideia de que as pessoas mais velhas estão simultaneamente separadas dos outros e dependentes deles, sobretudo quando está em causa a capacidade cognitiva e/ou funcional, faz com que a vida a sós seja percebida como um problema social. Ainda que a vida a sós não constitua um quadro de vida exclusivo do grupo etário dos idosos, a vivência dessa situação na senioridade não é necessariamente idêntica à dos grupos etários mais jovens.

"Contrariamente aos grupos mais jovens, para quem a vida a sós é frequentemente voluntária e desejada, nos mais velhos ela decorre, na maior parte das vezes, de acontecimentos que não dependem do próprio, como a partida dos filhos ou a morte do cônjuge. Nestes casos, não se escolhe viver sozinho; fica-se a viver só. Ainda que possa constituir uma situação involuntária ou não procurada, não significa forçosamente que seja uma situação indesejada ou que provoque necessariamente solidão" (Cabral *et al.*, 2013, p. 35).

É de salientar que no subgrupo dos nossos cinco informantes que vivem sós, à questão relativa às relações sociais, três responderam que *"embora tenha amigos, por vezes sinto-me só"* e dois responderam que *"tenho amigos e nunca ou raramente me sinto só"*. Nenhum destes informantes responderam *"estou socialmente isolado e sinto-me muito só"* o que poderia ser entendido como o sentimento de maior solidão. Assim, não

podemos nem devemos afirmar que existe um sentimento intenso de solidão e isolamento nos nossos informantes que residem sós.

Na Tabela 5, apresentamos a síntese das principais características dos nossos informantes quanto à profissão exercida durante a "vida ativa", quanto ao número de anos de exercício da profissão principal, quanto ao exercício de outras profissões, quanto ao número de anos na situação de reforma.

Relativamente às profissões exercidas pelos nossos informantes, destaca-se a grande variedade das mesmas dentro do grupo e também o facto de 17 dos indivíduos terem exercido apenas uma profissão ao longo da sua vida ativa.

Quanto ao número de anos de exercício da profissão principal, há uma variação compreendida entre os 52 anos de trabalho e os 8 anos. Neste caso verificou-se o exercício de outras profissões durante a vida laboral.

Relativamente ao número de anos na situação de reformado, no nosso grupo verifica-se uma variação entre os 23 anos e os 6 meses na reforma.

Nº Entrevista	Profissão principal exercida	Nº anos de exercício	Exerceu outras Profissões?	Nº de Anos na Situação de Reforma
1	F. Público	36	Não	9 anos
2	Bancário	34	Sim	17 anos
3	F. Público	36	Não	17 anos
4	Topografo	40	Não	15 anos
5	Emp. Escritório.	30	Não	3 anos
6	Prof. EB	33	Não	6 anos
7	Médica	39	Não	2,5 anos
8	Prof. EB e S	26	Não	17 anos
9	Prof. E. S.	38	Não	6 meses
10	Bancário	43	Não	4 anos
11	Emp. Escritório	34	Não	16 anos
12	Pedreiro	33	Não	11 anos
13	Costureira	8	Sim	2 anos
14	T. Agrícola	70	Não	20 anos
15	Vendedor	52	Sim	22 anos
16	Pintor Naval	48	Não	20 anos
17	Auxiliar Lar	22	Sim	12 anos
18	Polícia	35	Sim	23 anos
19	Emp. Limpeza	39	Sim	8 anos

Nº Entrevista	Profissão principal exercida	Nº anos de exercício	Exerceu outras Profissões?	Nº de Anos na Situação de Reforma
20	Vendedor	48	Não	6 anos
21	Aux. A. Medica	42	Não	6 meses
22	Motorista	40	Não	6 meses
23	Aux. A. Medica	14	Sim	15 anos
24	Comerciante	16	Sim	11 anos
25	Op. Fabril	39	Não	15 anos

Tabela 5 - Caracterização profissional dos entrevistados e anos na reforma. Fonte: Inquérito por entrevista

Quanto aos níveis de rendimento, sendo tradicionalmente considerados como indicadores relevantes do estatuto socioeconómico, podemos dizer que no nosso grupo de informantes, 3 auferem menos de 500 euros, 7 recebem entre 500 e 1000 euros, 5 têm rendimentos entre 1000 e 1500 euros, 4 auferem entre 1500 e 2000 euros e 4 auferem rendimentos de mais de 2000 euros.

Relativamente à origem dos rendimentos, podemos dizer que todos os nossos informantes recebem pensões. Neste ponto, podemos dizer também que a origem das pensões apresenta a seguinte repartição: 11 recebem pensões da Segurança Social Portuguesa, 3 recebem pensões da Segurança Social de outros países, 5 recebem pensões portuguesas e pensões do estrangeiro, 2 recebem pensão portuguesa e têm rendimentos de trabalho que continuam a realizar e 3 têm pensões do estrangeiro e têm também rendimentos de trabalhos que continuam a realizar.

4. Identificação da experiência migratória dos entrevistados

Importa referir que um outro objetivo da nossa investigação consiste em identificar a experiência migratória dos sujeitos na sua história de vida. Para atingir o mencionado objetivo, incluímos no nosso "guião de entrevista" um bloco com perguntas relativas ao passado migratório dos entrevistados. As questões colocadas destinaram-se a obter informações e narrativas sobre os momentos de migração e sobre a experiência vivida pelos entrevistados.

Apresentamos seguidamente uma tabela que sintetiza algumas características do passado migratório dos nossos entrevistados e que resulta das informações que nos foram dadas durante as entrevistas.

Nº do entrevistado	Locais de migração	Nº de anos de migração
1	Angola (Luanda).	23 anos
2	Lisboa e Porto	4 anos
3	Vila Nova de Gaia, Barcelos, Ponte de Lima	7 anos
4	Angola e Lisboa	28 anos
5	Lisboa	35 anos
6	França (Alsácia e Paris)	8 anos

Nº do entrevistado	Locais de migração	Nº de anos de migração
7	Alentejo e Porto	24 anos
8	Coimbra	2 anos
9	França	4 anos
10	Coimbra	11 anos
11	Angola	4 anos
12	Timor e França	31 anos
13	França	12 anos
14	França	20 anos
15	Lisboa e Monção	28 anos
16	Índia	3 anos
17	França e Setúbal	38 anos
18	Moçambique	14 anos
19	França	40 anos
20	Porto e Moçambique	55 anos
21	França	42 anos
22	França	40 anos
23	Lisboa e Moçambique	14 anos
24	Porto	27 anos
25	França	39 anos

Tabela 6 - Passado migratório dos entrevistados. Fonte: Inquérito por entrevista

Relativamente ao passado migratório dos nossos informantes destaca-se a variedade dos percursos sendo que poderemos agrupar essas trajetórias em três grandes grupos, correspondentes a diferentes **áreas geográficas de migração**: um grupo que emigrou para França, um outro grupo que esteve migrado nas nossas ex-colónias (Angola, Moçambique e Índia) e um outro grupo que esteve migrado nas nossas maiores cidades do litoral (Lisboa, Porto, Coimbra).

No grupo dos entrevistados que estiveram migrados em França encontramos 10 sujeitos. No grupo dos que estiveram migrados nas ex-colónias encontramos 8 indivíduos. No grupo dos que estiveram migrados em cidades portuguesas encontramos 12 indivíduos.

Dentro dos três grandes grupos encontramos subgrupos de pessoas que acumularam diferentes experiências migratórias: nas ex-colónias e numa grande cidade portuguesa, numa ex-colónia e no estrangeiro e no estrangeiro e numa cidade portuguesa. Neste ponto devemos esclarecer que 5 dos nossos entrevistados

estiveram migrados em diferentes locais pelo que incluímos 5 indivíduos em mais do que um dos referidos grupos.

Quanto aos tempos ou duração do período de migração dos nossos informantes eles variam, globalmente, entre os 2 e os 55 anos, tal como podemos verificar pela leitura da Tabela 6.

Apresentamos agora duas narrativas produzidas pelos nossos entrevistados com diferentes tempos de migração. Nestas narrativas notamos a heterogeneidade dos percursos de vida migratória dos nossos sujeitos.

E20 "Resumindo, a minha vivência desde que tenho conhecimento da minha existência... eu nasci numa freguesia do concelho de Ponte de Lima que é Rebordões- Souto. Ai com uns 6 anos foi viver para a Queijada. Ai permaneci, fiz a instrução primária e aos 14 anos fui viver para o Porto. Ai, me mantive durante muitos anos. Estudei na escola Gomes Teixeira, o curso de comercial, de noite, já que de dia tinha de trabalhar. Entretanto faço a vida militar, sou mobilizado para Moçambique, faço lá 26 meses de serviço militar. Depois regresssei à metrópole e a partir daí comecei a pensar na minha vida e em constituir família. Casei com 25 anos, e foi um início muito difícil, porque os tempos eram brutalmente maus, quer em termos políticos quer em termos económicos. Mas com muito sacrifício e com muita força, eu e a minha companheira conseguimos dar a volta ao texto. Dessa união nasceram dois filhos... entretanto, a minha vida de casado teve altos e baixos, como toda a gente. Mas tudo se passou com maior ou menos dificuldade, claro que sempre com muitos sacrifícios. Casei, e tive sempre o objetivo de trabalhar por conta própria. Venho da tropa, antes do casamento, e sou contratado por uma empresa de Lisboa, para abrir uma loja de decoração no Porto... antes de ir a Lisboa tive uma conversa seria com os meus, na altura patrões, porque a parte salarial oferecida era muito aliciante(...)"(55 anos de migração).

E2- "Nasci na Freguesia de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo. Estudei na Escola Primária do Carmo e depois na Escola Industrial e Comercial Nuno Álvares, onde concluí o Curso Geral do Comércio. Trabalhei em Viana do Castelo numa empresa do ramo automóvel e depois num organismo de coordenação económica, tendo depois concorrido a um Banco, onde exerci funções durante 34 anos, nas cidades de Lisboa, Porto e Viana do Castelo. Durante a minha vida profissional nunca deixei de dar a minha colaboração a diversas instituições, o que me permitiu conviver com diversas pessoas, algumas delas que fazem parte do núcleo de amigos que tenho. Além de adquirir uma grande experiência de como se gere e de como se atua à frente de uma qualquer associação" (4 anos de migração).

Após a leitura e análise dos discursos dos entrevistados percebemos que, mesmo nos casos em que a migração durou menos anos, essa experiência deixou marcas significativas em termos de amigos que se mantiveram e em termos de aprendizagem pessoal e profissional.

Do conjunto das narrativas produzidas pelos entrevistados sobre as suas histórias de vida, conseguimos extrair 3 grandes tipos de perfis, em termos do **momento e razão da migração**: um perfil em que a migração aconteceu durante a infância e juventude para acompanhar a saída da família (neste caso, os sujeitos acompanhavam os pais e começaram por estudar no local de migração e só depois iniciaram a vida laboral), um outro perfil em que a migração aconteceu já na vida laboral e adulta com o objetivo de o próprio informante ir trabalhar, e um outro grupo em que a migração aconteceu devido sobretudo à guerra colonial.

Agora, apresentamos apenas os dados relativos a alguns dos entrevistados pois uma apresentação exaustiva tornaria este texto excessivamente longo e monótono. Extrato de narrativa correspondente ao primeiro perfil antes referido:

E6- "Nasci em Portugal e aqui permaneci até aos cinco anos. Emigrei com os meus pais para França e aí estudei e permaneci até aos treze anos. Depois regresssei a Portugal e aqui estudei num colégio interno até ao antigo 5º ano. De seguida fiz a Escola Normal de Viana do Castelo e depois trabalhei

em diversas freguesias como professora do 1º ciclo. Num determinado momento senti necessidade de voltar a estudar e retomei novamente o percurso escolar. Concluí o Secundário e entrei no ensino Superior (Curso Francês/Português). Na reta final, concluí na ESE a formação em Ensino Precoce da Língua Estrangeira. Acompanhei estágios de Francês no 1º ciclo. Profissionalmente, trabalhei no 1º e 2º ciclos e na Telescola e terminei a minha carreira na gestão de agrupamento como vice-presidente com acumulação do ensino do Francês Precoce. Durante a minha vida vivi sempre dividida entre duas realidades culturais, França e Portugal. Tenho 2 filhos, um com 38 anos e uma mais jovem com 35. Tenho 2 netos, um de cada filho, de 3 e 10 anos".

Atendendo à narrativa que apresentamos e que se assemelha a outras que nos foram feitas, verificamos que, apesar de a experiência migratória vivida pela narradora não ter sido muito longa em termos de número de anos (8 anos), acabou por ser determinante mesmo na opção profissional (ensino do Francês) feita e vivida em Portugal.

Pelo discurso emitido pela entrevistada percebemos o quão marcante foi a experiência migratória nas suas perspetivas de vida e na aquisição de capacidades de desenvolvimento pessoal e social.

Apresentamos agora uma narrativa correspondente ao segundo perfil de migrante que antes enunciamos e que corresponde ao da saída de Portugal, na idade adulta, para ir trabalhar.

E22- "Foi aqui que eu nasci e fui com 20 anos para França. Estive lá 40 anos e agora pedi a minha reforma e viemos os dois. Agora o chato é estarmos entre cá e lá. Há coisas familiares... o meu trabalho foi sempre de camionista. Tirei lá a carta, e fiquei 40 anos no mesmo patrão. Era o que pagava melhor. Tínhamos muitas regalias(...). Nunca tive queixa nenhuma e tenho saudades dele! Ainda agora antes de vir, fizeram um banquete de despedida... Foi uma maravilha. Tenho saudades. Foi uma família. Era uma casa de família!(...)Eu fui para lá porque a vida da lavoura era muito má. Disse ao meu pai que queria ir, que se ele não me quisesse levar que eu ia sozinho. Ele disse-me para esperar mais um bocado porque me ia dar uma cabeça de gado para eu criar. Aguentei até aos 20 anos, depois fui em Dezembro. Fui a salto, a salto de coelho por essas montanhas fora! E assim fui, com 20 anos. Cheguei lá, ainda tive de arranjar a papelada toda. Comecei logo a trabalhar na empresa onde fiquei toda a vida. Tinha mais propostas para fábricas, mas não queria estar fechado, não era para mim. Estive três dias à experiência e depois fiquei. O meu patrão é uma pessoa conhecida... é presidente de um clube de futebol. Alta sociedade de França. É uma pessoa que tem sociedades por toda a França. E em muito lado, até em Marrocos".

As razões apresentadas para o início do processo migratório foram as difíceis condições de vida e de trabalho na área geográfica de origem ("Eu fui para lá porque a vida na lavoura era muito má").

Percebemos pela narrativa feita, que os laços com o local de migração permanecem de alguma forma, mesmo depois do regresso (neste caso, laços com a família que ficou e com a pessoa do patrão) pois, em muitos casos, ficaram os filhos e os netos a trabalhar ou a estudar no local para onde se emigrou.

Da narrativa produzida e das respostas dadas pelo entrevistado antes citado, extraímos a ideia de que o tempo de migração, tendo sido um período de grande envolvimento profissional, foi também marcante em termos familiares e afetivos pelo facto de ter deixado amigos e família no local de migração.

Apresentamos agora o extrato de uma narrativa correspondentes ao terceiro perfil antes referido e que corresponde à migração associada à guerra colonial.

EIII- "Em Lisboa e em Angola, em Lisboa estudei até aos 9 anos, depois foi o tal caso que lhe falei à pouco, que estive aqui 2 anos aqui em Caminha e em Viana do Castelo, depois regresssei a Lisboa e fiz o curso complemenar de liceu. Quando estive em Angola não fazia nada fui para lá com 16 anos e vim para cá com 18, de maneira que vivia com os meus pais, depois cá estive na Força Aérea, e cumpri também o serviço militar em Angola. Quando sai da Força Aérea então empreguei-me. Há tantas

memórias que não sei qual delas tem mais valor ou intensidade é um bocado complicado, não sei talvez quando andasse com o meu grupo de amigos no jardim zoológico e isso tudo, nós morávamos mesmo em frente ao jardim zoológico iam para lá todos os dias, talvez esses tempos.”

Verificamos que a saída para a migração aconteceu de forma imposta para este grupo de pessoas. Todos os indivíduos referem a sua experiência migratória como muito marcante e enriquecedora em termos pessoais, apesar de nalguns casos não ter sido muito longa e ter correspondido apenas ao tempo de cumprimento do serviço militar.

5. O passado migratório e as vivências da senioridade

Analisando o passado migratório dos nossos entrevistados e relacionando tal passado com as atuais vivências da situação de reforma e da senioridade, verificamos que não existe, aparentemente, uma relação direta entre o local geográfico onde se esteve migrado e a vivência atual da situação de reforma e senioridade.

Atendendo ao que nos foi relatado, a generalidade dos nossos entrevistados está bastante conformada com a sua vida e não quereria vivê-la de forma substancialmente diferente.

Nos discursos produzidos pelos nossos entrevistados com um passado migratório mais longo salienta-se a situação de satisfação com a situação vivida, sendo que aquilo que é apontado como podendo ser melhor é a saúde.

Analisando os discursos produzidos, a generalidade dos nossos entrevistados com menos tempo de migração refere que há muitas coisas agradáveis nas suas vidas mas que elas poderiam ser melhores. Sobre o que poderia ser melhor referem a saúde, a necessidade de conhecer ou estar noutros lugares, a falta de tempo para desenvolver alguma atividade preferida e a preocupação com a situação social, nomeadamente, a das pessoas idosas. É de salientar que dentro deste grupo que migrou menos tempo encontramos sujeitos com uma escolarização mais elevada do que no grupo que esteve mais tempo migrado. O que acabamos de referir tem certamente que relacionar-se com as condições de vida e a situação dos emigrantes durante o tempo de migração.

6. Conclusões

Começaremos por recordar que a questão central da nossa investigação incide nos fatores interculturais que contribuem para um envelhecimento autónomo.

Como resposta à referida questão podemos dizer que a experiência cultural e educativa gerada e/ou desenvolvida durante os períodos da vida em que se emigrou/migrou deixou marcas muito significativas e muito recordadas/narradas pelos nossos informantes. Nas narrativas analisadas sobressaem a importância e as consequências (profissionais, culturais, familiares e económicas) que a migração teve para os nossos sujeitos.

O que agora dizemos está de acordo com o paradigma construtivista e com a teoria do curso de vida para os quais é necessário perceber que a senioridade é construída ao longo da vida. Não pode ser compreendida apenas em função do envelhecimento imediato e visível nos últimos ciclos de vida, mas que deve ser entendida em função dos ciclos prévios, nomeadamente do início da vida adulta, e dos seus efeitos sobre saúde, a autonomia e a integração social. A adoção da perspectiva do curso de vida permitiu e permite ainda analisar o envelhecimento como resultante de trajetórias anteriores, especialmente as que relevam do campo profissional (Cabral *et al.*, 2013).

Tal como referiu Sebben (1996) tornar-se cidadão do mundo pode resultar ou advir da experiência migratória. Neste contexto, salienta-se que as aprendizagens resultantes da migração contribuem sobretudo (mas não só) para o crescimento da autonomia social e cívica, ou seja, para o desenvolvimento da cidadania.

O contacto com práticas culturais diferentes, com meios mais urbanizados, com pessoas e ambientes laborais mais diversificadas permite, certamente, desenvolver o espírito crítico relativamente às práticas culturais e sociais do meio local de origem.

Atendendo à investigação empírica efetuada, constatamos três subgrupos relativamente ao local de migração: um subgrupo que emigrou para França, outro que migrou para as ex-colónias e outro que migrou para as grandes cidades do litoral português.

Neste contexto, devemos dizer que o subgrupo dos nossos informantes que emigrou para França o fez numa época em que aquele país tinha um clima social e político onde se vivia em democracia quando em Portugal ainda existia um regime autoritário e não democrático. O subgrupo que migrou para as ex-colónias fê-lo num período de luta dos povos nativos pela sua independência. O subgrupo que migrou para as grandes cidades do litoral português fê-lo numa época em que aí se começaram a desenvolver lutas pelos direitos sociais, laborais e políticos. Estas experiências de vida são por nós consideradas uma condição de construção da autonomia e da cidadania nos sujeitos que viveram tais experiências de contacto com realidades políticas, culturais, sociais e laborais diferentes da realidade do seu local de origem. O próprio facto de tomar a decisão de partir (por si próprio ou devido à situação familiar) constitui uma afirmação de autonomia e crescimento pessoal e social. Tal como referem Freire (1972) e Carmo (2009, 2014), também entendemos que para se desenvolver como pessoa, qualquer indivíduo tem prioritariamente de aprender a ser autónomo, ou seja a ser sujeito da sua própria história construindo uma identidade pessoal a partir do seu potencial.

Alencar-Rodrigues, Strey & Pereira (2007) também tiveram a preocupação de caracterizar e estudar a "experiência migratória", procurando analisar as implicações de tais experiências no posicionamento face à cultura e sociedade de origem. Como resultado da experiência migratória, também verificaram, tal como nós, que morar no exterior possibilita descobertas pessoais, amadurecimento, ampliação da autonomia e desenvolvimento do espírito crítico.

Assim, durante o período de migração, o subgrupo dos nossos migrados nas cidades do litoral e o subgrupo dos emigrados em França tiveram contacto com contextos culturais menos tradicionalistas e menos rurais do que aqueles em que tinham nascido e vivido durante uma parte do início da sua vida. Este contacto com meios mais urbanizados, onde existiu e existe, à partida, uma maior divulgação do conhecimento científico e um maior apoio sanitário devido à existência de uma rede de cuidados de saúde mais vasta, contribuiu para que os sujeitos desenvolvessem os seus conhecimentos, aptidões e preocupações no campo da preservação da saúde. Este contexto mais urbanizado e desenvolvido contribuiu também para a adoção de estilos de vida mais saudáveis, nomeadamente, em termos de alimentação, de exercício físico e de prevenção de doenças.

Tal como refere Fonseca (2004) os estilos de vida surgem como um dado importante no processo de envelhecimento que pode influenciar positiva ou negativamente a qualidade de vida dos indivíduos e que, no caso dos idosos, pode acarretar situações mais graves num período de mais perdas.

No entanto, a influência da experiência migratória não se limita ao campo da saúde. O contacto com estilos de vida mais urbanizados e com contextos sociais e laborais em que existe uma maior consciencialização dos direitos das pessoas (enquanto trabalhadores e enquanto cidadãos) acabou por contribuir para um desenvolvimento da autonomia em termos sociais e para um crescimento da cidadania nos grupos migrantes.

Ainda sobre a questão acima, devemos dizer que o subgrupo dos nossos informantes que esteve migrado nos territórios das nossas ex-colónias (regiões que, genericamente, não poderiam considerar-se desenvolvidas, nem industrializadas, e que não viviam em democracia) sobretudo devido à sua mobilização para a guerra colonial, teve que desenvolver algumas aprendizagens conducentes à preservação da autonomia e da própria saúde.

Neste contexto, é de referir a aprendizagem feita pelos mancebos durante a preparação militar em que se transmitiam também ensinamentos no campo da manutenção da saúde, da autonomia física, do evitamento de determinadas doenças e da preservação da própria vida.

Sem querermos de modo algum fazer a defesa da guerra ou do treino militar, relembramos que muitos dos soldados que fizeram treino militar para a guerra colonial também alargaram a sua escolarização durante essa mesma formação. Os recrutas que eram analfabetos aprenderam a ler durante a instrução militar. Chama-se a atenção para o facto de que o analfabetismo constituiu um fenómeno prevalente em Portugal durante séculos. Em 1960 ainda existiam aproximadamente 33% de analfabetos no nosso país (INE, 2009).

Para além das aprendizagens para a autonomia feitas durante a preparação militar (esta aprendizagem foi feita apenas pelos homens devido à situação de exclusão do serviço militar vivida pelas mulheres), todo o subgrupo dos nossos informantes que migrou para as ex-colónias (homens e mulheres) também teve oportunidade de contactar com outras culturas, nomeadamente as culturas indígenas das populações africanas. Este contacto com realidades culturais e sociais diferenciadas das de origem dos indivíduos também contribuiu para um enriquecimento pessoal e para perspetivar a cultura local, de origem, de forma crítica.

No conjunto dos nossos entrevistados, quer os que migraram para as cidades do litoral, quer os que migraram para as ex-colónias e os que emigraram para França, todos eles conheceram ambientes culturais, sociais, políticos e laborais mais heterogéneos e tiveram a possibilidade de construir uma aprendizagem prática sobre a diversidade. Entendemos, tal como outros (por exemplo, Carmo 2009 e 2014) que o conhecimento da alteridade e a aprendizagem para lidar com a diversidade possibilitou o desenvolvimento da autonomia em quem viveu tais experiências. Estas conclusões a que chegamos estão de acordo com o trabalho realizado por Alencar-Rodrigues, Strey & Pereira (2007).

Chama-se a atenção para o facto de não se pretender fazer aqui, de maneira alguma, a apologia da emigração para aquisição de maior autonomia na senioridade. Apenas constatamos algumas situações em que a migração contribuiu de alguma forma para incrementar a autonomia dos sujeitos implicados. Recordamos que a generalidade dos nossos entrevistados emigrou por necessidade pessoal ou por necessidade da sua família e devido à precaridade das oportunidades laborais na zona geográfica de origem. Devemos também salientar que muitos dos nossos informantes (sobretudo os que estiveram migrados em França e nas ex-colónias) referiram o seu tempo de emigração como uma época de grande esforço e sacrifício pessoal e familiar e como um período da vida em que se trabalhou arduamente mas durante o qual se aprendeu à custa de sofrimento.

Referências

- Aboim, S. (2003). Evolução das estruturas domésticas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 43, pp. 13-30.
- Alencar-Rodrigues, R.; Strey, M.; & Pereira, J. (2007). Experiência migratória: encontro consigo mesmo? Percepções de brasileiros sobre sua cultura e mudanças pessoais. *Aletheia [On-line]*, (Julio-Diciembre). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013567014>, ISSN 1413-0394. Acedido em: Janeiro de 2014.
- Cabral, M. V. et al. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Carmo, H. (2009). Educação intercultural e educação para a cidadania: uma aproximação teórica. *Seminário sobre Diversidade Cultural, Educação e Cidadania*. Lisboa: CEMRI / UAB.
- Carmo, H. (2014). *Educação para a cidadania no século XXI*. Lisboa: Escolar Editora.
- Fonseca, A. (2005). *Desenvolvimento Humano e Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.

- Freire, P. (1972). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento.
- INE (2009). *50 Anos de Estatísticas da Educação em Portugal*, 3 vols.
- INE - X a XV Recenseamentos Gerais da População.
- ONU (2003). *Plano de ação internacional sobre o envelhecimento*. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos.
- Osório, A. R. (2007). Os idosos na sociedade atual. In A. R. Osório e F. C. Pinto, *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 11- 46.
- Sebben, A. (1996). Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória? *Psico*, 27(1), 129-141.
- WHO (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-americana de Saúde.